

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1262	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	\$120	20 de Janeiro de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CRONICA OCCIDENTAL

A proposito de politicas avariadas — surge á teia emaranhada da discussão a lei do divorcio. Em volta do episodio, esgarçam-se as considerações mais estranhas.

Sobre o caso accidental, as vozes erguem-se, diferentes de timbre, diversas de entôno, varias de sentido, de tal modo que, habilmente acomodadas á situação e á musica de Offenbach, fariam successo de estrondo num proscenio de barraca.

Creaturos pacatos, sisudos, tradicionalistas, de gestos metodos e frases de convicção, verberam com veemencia essa lei revolucionaria que vem lançar entre familias ameaços de desavença e revolver cinzas de miolos raros nas cabeças esturrinhadas da nossa gente.

A' nossa sensibilidade de meridionaes matrimoniados, que um nada irrita e um pouquinho acalma, a lei do divorcio é um incitamento irresistivel e irremediavel. Para os nossos lares modernissimos, de luxo maximo e minimo conforto, construidos com madeirame e cal viva, essa lei de importação é facho de incendio avassalador que nenhum *Minimax* possivel apaga, por completo. Assim palram creaturos graves, diletantes de harmonias sociaes, amigos da boa ordem e conservação dos estados.

Entanto, ha tambem estes bimanos, caraterisados por enxaquecas de espirito e praticas de vadiagem, que aclamam calorosamente o decreto afonsino por morigerador de costumes e medida higienica de interiores caseiros. Consoante a logica dos seus consi-

deraveis raciocinios, o divorcio seria valvula de segurança no comboio matrimonial que sem ele ameaçaria despenhar-se por barrancos de escabrosidades varias. As opiniões divergem, pois, notavelmente.

Quanto a nós que somos, nestes casos, dum ecleticismo complacente, reconhecemos a todos eles razões e motivos de sobejo.

E basta que se verifique a existencia destas duas correntes adversarias de opiniões, para que a lei do divorcio corresponda a uma necessidade social. De resto, fica ao arbitrio de cada um fazer dela uso e applicação. Na verdade, se corresponde, na pratica a uma necessidade social, ella não significa, em teoria, de modo nenhum,

progresso; mas, a breve trecho, admitil-a-emos, se nos convenceremos, emfim, tranquilos e sorrisonhos, de que progresso não passa de palavra manca de sentido ou opinião de intellectualistas bem-intencionados.

Le monde marche!

E' certo. O mundo caminha. Todavia, abstenhamo-nos de dar á frase vulgar a vulgar interpretação. O caminhar incessavel, interminavel, da humanidade significa simplesmente um dispendio de energias amoldadas ás situações e condições do momento. Erga-se o espirito mais e mais, num vôo de arrôjo, nunca poderá transcender o ambiente de poeira que o corpo revolve e espalha da estrada da vida, confusamente. E a poeira redemoinha, eleva-se, ascende, avassala os espaços, dissemina-se pelo infinito e já envolve em sombras o trôno luminosissimo dos deuses...

Desde que a familia começou a ser considerada instituição meramente humana, isenta da consagração suprema, abandonada da bençã divina — immediatamente começaram de dominal-a impetos de instintos e exigencias de egoismo primitivo.

Nesse momento, tomou inicio a desorganisação familiar que provoca mais doloroso o equilibrio instavel da sociedade.

Porque, emfim — reconheçamol-o sempre — o culto de Deus era o culto superior da razão.

O reconhecimento duma

Exposição de Aguarela da Sociedade Nacional de Belas-Artes



MEDITANDO — Henrique Casanova

hierarquia social, que é de todo o tempo necessária, só nol-o podia impor uma religião que fosse motivo de crença incondicional e universal. De contrario, todos os campos por mais bem entrincheirados, são invadidos, em atropelo, em confusão, pelo Maior-Numero — exercito poderosissimo de Incompetentes e Irresponsaveis.

Assim, convergentemente, o sacramento do matrimonio não pôde, nos tempos actuaes, ser reconhecido e a indissolubilidade do casamento não tem, pois, razão precisa de existencia. A lei do divorcio é uma consequencia necessaria das condições sociaes do nosso mundo — mundo em dissolução...

Frequentemente, chegam-nos das paragens remotas da provincia, cartas amabilissimas, mensageiras de boas-novas e narrativas de casos pícaros. A par e passo, alguém nos vae enviando a nota fiel e suggestiva das auspiciosas transformações que actua benignamente nos rincões e meios sociaes das Beiras.

A Civilização marcha, lentamente, dominadôramente, abre caminhos largos entre sarças e matagaes cerrados, devasta choças primitivas e ergue pelos barrancos *chalets* acutangulos de atitudes contrafeitas e arestas agressivas. As moçoilas das serras já não trajam saias de baetilha e capotes de burel. Usam modas da capital e falam pretenciosamente, *à grave*. Suspenderam em repouso a dobadoira e abandonaram os teares da aldeia...

Os moços depuzeram a chaleca e envergaram casacos de cinta. Turbulentos por indole, arremessam com desprezo aos cantos da casa os cacêtes ferrados dos avós e liquidam as suas desavenças a tiro...

A provincia está civilizada.

Ali, se reclamam já, com prestigio e vantagem, as conferencias do Registo-Civil e os discursos de senadôres conspicuos, os coiros de Córdova e as aguas da homoeopatia. Ali são acatadas com respeito as leis da Republica e os avisos previos de contribuições successivamente mais onerosas e beneficentes.

Pois, neste momento, chega-nos, da provincia remota, noticia fidelissima que corrobora as nossas afirmações e relata um caso tipico de cumprimento rigoroso da lei benemerita do divorcio. Ha no cumprimento dessa lei, feito em rincões silvestres das Beiras, requinte de tão experimentada execução e intenção de tão vasto alcance que passamos, sem demasias de detalhes, a referir-o meticulosamente, para esclarecimento das gentes e incitamento de patifes.

Por muitos anos e bons, vivia feliz, sem ter muitos filhos nem atilhos que empecessem, um casal recolhido, regaladamente, num cômodo distante da provincia. A senhora era fresca e coradinha, resumbrante e perfumosa, como as camoêças do seu arcaz.

Filha de proprietarios abastados — tinha garbos de dôna e pretensões honestas de morgadinha. O marido era, de apparencia, luzido e são, mas, de facto, roído de virus maligno surpreendido pelos seus tempos de colegial magano nos bairros de Lisboa. De ano a ano, em vesperas evocativas de carnaval, puxava, meigamente, manhosa-mente, do braço de sua esposa, trazia-a

às festas da capital, e encerrava-a num quarto alto de hotel e dispendia em bisnagas e bambochata, chorumes e dinheiros devidos exclusivamente, por contratos e escrituras, a essa misera e mesquinha senhora que tinha garbos de dôna e era sumitica por condições de hereditariedade.

Entanto, a esposa sentia-se contente e cativada da afeição exuberante do seu mais-que-tudo e bom marido que a levava, de ano a ano, a Lisboa — terra de maravilha e encantamento, numa época característica de carnaval papalvo e pelintra. Pobre senhora!

O carnaval aproxima-se. Já ouvimos os seus guisos e casquinadas loucas. Já revolteiam nos ares as primeiras poeiras de entrudo. Todavia, não será desta vez, neste ano bemdito da Republica, que ela verá, repoltreada comodamente no seu varandim do hotel, deslizar essa procissão de mascaras e dominós imbecis. Desta vez, ficará resignadamente na sua aldeia e se alguma procissão quizer presenciar, será, mais tarde, na quaresma, do adro da igreja, a procissão do Senhor-dos-Passos — se o senhor regedor a permitir...

Enleada pelas palavras melifluas e convicentes de seu espôso, a misera mulher, de bom acôrdo, ingenuamente, pretendeu o divorcio — e, ao depois, decorridos meses, mais amorosamente, tornou a recuperar o seu cinico amorzinho que tivera o cuidado de inutilisar, de antemão, sem remedio, as escrituras e contratos do casamento primeiro, segundo as quaes, riquezas e renditos a ela pertenceriam sempre, exclusivamente e inalteravelmente...

E, a estas horas de liberdade republicana, o seu mais-que-tudo e bom marido, longe, bem longe, divaga por estranhas, a esbanjar com negligencia, os cruzados que os sôgros amontoaram com economia e esforço.

ANTONIO COBEIRA.



A VITALIANI

Noites de Coímbra e de Lisbôa

1907-1914

São duas datas, filhas de um século só. E vái entre elas, não o salto legendário da cobra da nossa quadra d'amor, mas a derrota do planeta Terra lá pelos desertos absolutos do Infinito, em a caminhada vertiginosa e vesãna de seis anos e pico. Outubro de 907 a Janeiro de 914, — é contar.

A Italia Vitaliani apparecia na *Lusa-Athenas*, na sombra elegíaca da velha Universidade do *Assis* e do *Palito Métrico*.

Naquêllecio de ano lectivo era um talismã egípcio que surgia, sagrado para venturas escolares. Dispersavam-se na atmosfera hialina as saudades longínquas; rompiam clarões de esperanza nos céus da *cidade prisão*, para aí enconchada em laranjais de veludo furta-luz, onde pendem gôtas de oiro olímpico e sôam os mûrmuros suspiros das «brandas nymphas do placido Mondego». Adoçavam em mel pin-dárico as amarguras aforísticas de todos os princípios, entre os quais avulta sobrema-

neira o comêço de ano lectivo em Coímbra, — para os calôiros e namorados melhor que para ninguém.

A ida da Vitaliani á terra dos salgueirais foi um acontecimento de ergastular na excitação derradeira as fibras estésicas da Academia. E a *Briosa* abandonava as redondêzas do Campo da Feira, precipitava-se pelas ruas mediévais ornadas de páginas históricas, lambidas de sombras evocadoras entre arcos e palácios, e despenhava-se para o teatro do *Príncipe Rial*. Corriam os bandos negros, fugazes, a cantarem e a cascalharem, na farândola de silhuêtas de fantasmas, a môça alegria de viver, livres de cabeça, leves de pé.

No teatro as escaleiras da geral trasbordavam. Os vultos de nanquim, moldados nos hábitos académicos, lembravam scênas quinhentistas de Jogos Florais. Camarotes, cheios como corbêlhas de flôres de riquíssima estima divina, carnes palpitantes, côres bem curadas no espectro do Sol, plateia voluteante —, a estridência louca do bem-estar crepitava no nível democrático da geral.

...Representava-se aquêla noite a *Zazá* ou a *Tosca*, — um poema de Paixão. A figura soluçante de Italia arrastava-nos num vórtice após si. Sustinha-nos trementes, e prendia-nos de seus olhos como as lagrimas que a Arte da Dôr lhe balançava entre pálpebras e guiava face abaixo. Envôlta em um turbilhão de sêdas claras, imponderáveis que um suspiro ergue em vôo de espumas, a amante ideal movia-se em auréola de nuves de perfume, irradiantes de luz. Sofria, passava, leve como uma bôlide, opaca e amarfanhada como a flôr de magnólia que o vento destrôna, agarra e leva consigo.

Dobrava-se numa súplica, numa préce, debatia-se em mar de lágrimas, e a sua voz cristalina era um vento entre flôres com receio de espalhá-las. Vinha a carícia, soltava-se o vôo claro de um beijo, e éla serenava na paz do Amôr, enchia-se da graça dos bem-aventurados; e abria se-lhe a máscara sensitiva na doçura bondosíssima e sublime, misteriosa e iluminada, das Virgens de Murillo. O gesto dissolvio-o em maré de rosas; a voz era da mansidão da alegria pura, tinha a melodia das alvoradas de um domingo em Maio. Voltavam os transe da tragédia, e a Italia vivia a existencia do canço da fábula; era *lady Macbeth*, ou era *Elsa*, dolorosamente.

As capas caíam no palco em esvoaçamentos de morcêgos antediluvianos, resuscitados para enlouquecerem áquêllecio esplendor solar da «arte que é mui fidalga e clara»...

A' saída estava um frio violento. O nevoeiro pesava nas últimas folhas das árvores da Avenida Sá da Bandeira. — «A noite verte um desconsôlo imenso.» — Avenida abaixo corriam com estridôr os carros de socórros dos Bombeiros Municipais. Aquêla massa emergente, talhada para a sensação, foi seguindo para Santa Clara onde abraçava uma fábrica. O nevoeiro adensava sobre o Mondego, e colorira se de vermelho, como vapôres de sangue que cobrissem chacina mór de qualquer *saga* onde se cantasse um Duêlo dos Deuses. E atrás daquêllecio denso véu procurava adivinhar se o corpo branco da Walkyria, cercado pelo Fogo do Destino, e a couraça do heróico Siegfredo em marcha, de durindana em riste, para dissolver no sangue todos os

«Quando nos entregamos hoje á indagação dos costumes, á analyse da moral publica da epocha, não podemos deixar de voltar os olhos cheios de admiração para a memoria de um imperador que collocava acima das proprias ideias dos homens politicos que o rodeavam, dos proprios amigos do throno, a moral-superior até ás qualidades intellectuaes e ás opiniões politicas.

.....
O imperador era feito de tolerancia, de modestia, de bondade e de justiça, e para o seu criterio desinteressado, para o seu criterio simples e chão, valia mais a integridade moral do homem publico do que a côr politica de que elle se revestia.

Não podemos mesmo, estudando o vasto reinado em que sua corôa se impoz á admiração do mundo inteiro, deixar de concluir que elle foi tambem uma larga

phase de prosperidade e desenvolvimento economico do paiz.

E, quando hoje acompanhamos os acontecimentos contemporaneos, devemos ainda experimentar um sentimento de gratidão, recordando a marcha serena e prudente do imperador, ao fomentar o desenvolvimento do Brazil, sem aventuras financeiras.

Pesa-lhe, diz o orador (transcrevemos da *Gazeta de Noticias*) que ao seu coração republicano, irreductivelmente republicano, seja dado vêr que, quando o tempo já tornou unanime o julgamento, na consciencia brasileira, quanto aos sentimentos patrioticos, elevados, de profundo amor, de lealdade e de dedicação, com que o imperador serviu a patria, ainda haja espiritos republicanos, que apresentem sophismas, pretextos futeis, objecções que não são oppostas a casos muito mais clamorosos, quando na realidade uma resistencia

d'esta ordem é mais do que o meio de encobrir, hypocritamente, o exaggero da paixão politica, negando-se justiça á memoria do imperador.

Este, porém, é um regimen de opinião, um regimen em que a verdade deve dominar, e o maior titulo que a Republica pôde pretender, para oppôr á realleza, deve ser precisamente o de servir a verdade, o de não denegar justiça, o de julgar com serenidade os proprios adversarios. E no caso ninguem pôde considerar Pedro II um adversario da Republica, um inimigo da democracia; as circumstancias excepcionaes em que viveu, o seu longo reinado de paz, de tolerancia, demonstrou que em todas as reformas liberaes com que o paiz foi dotado, elle, tanto quanto lhe permitia a sua imparcialidade de poder moderador, collaborou sereno.»

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

Exposição de Aguarela

na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Inaugurou-se, dia 7, á noite, sob a presidencia do Chefe do Estado, uma exposição de aguarela, nos salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Dizer precisamente da impressão gratissima que vestigiou no nosso espirito o exame demorado e atento dos numerosos quadros expostos — tal não poderá ser agora o nosso intento. A visita ao palacio da Sociedade foi uma pequenina viagem de êxtase e maravilha.

O deslumbramento que nos projeta em face a arte surpreendente de certos quadros de Mestres, ofusca em nós a visão de detalhes minimos e discordantes desta exposição. Até, expositôres de que seria licito esperar varios desmandos de tintas, souberam manter-se num equilibrio de linha animadôr.

No momento de inauguração desta exposição magnifica de Arte, Julio Dantas prendeu, irresistivelmente, a atenção da assistencia numerosa e selecta, discursando com proficiencia e brilho, em frase castiga e rutila, sobre o movimento artistico portuguez. Não se trata, disse ele, de solenizar a abertura duma exposição de aguarela, — mas o inicio de um ano inteiro de vida artistica nacional. Se, com effeito, assim fosse, — não poderia ser mais auspiciosamente iniciado a ano que decorre. Dir-se-ia que Portugal vae erguer-se, em breve, dominadôramente, da sua crise de fadiga.

Mas — ai de nós! — factos ocorrem convergentes a entibiar-nos na irresolução da duvida dolorosissima e alfin não sabemos se essa animação que por varios campos se esboça confusamente, significa resurgimento efectivo de energias ou prenuncios de morte proxima.

Entanto, ha em nós o direito de crêr, com fé veemente, no futuro do nosso paiz glorioso.

A exposição de Aguarela, realisada nas salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes, tem o merito altissimo de incutir vida e esperanças esmorecidas...

De dever, foi consagrada, numa das salas do palacio, carinhosamente, respeitosa, a obra do distinto aguarelista espanhol, primeiro mestre de aguarelistas portuguezes distintos, Henrique Casanova.

A esse pintor illustre prestâmos, neste momento, a homenagem da nossa admiração e sentimo-nos justamente orgulhosos de ter sido ás paginas da nossa querida Revista — OCCIDENTE — que ele dedicou a sua primeira colaboração artistica em terras de Portugal. Vindo de

regiões de Espanha, o primeiro abrigo de arte portuguez que o acolheu, foi a Redacção do OCCIDENTE de que faz parte uma preciosa reportagem artistica das Festas do Centenario Camoniano, que a ele exclusivamente se deve.

Os quadros de Henrique Casanova, agora expostos, surpreendem de graça e maravilham pela precisão nitida de linhas e colorido. Todos eles merecem uma apreciação minuciosa e todos eles arrebatam em êxtase de relance.

A Mãe — como é encantadoramente expressiva a attitude de carinho que a detem, e, sobretudo, como é finamente realisada pela nuança do traço e da côr a contextura dos tecidos que a envolvem... Ha riqueza de colorido e detalhes naquella *Interior da catedral d'Avila*. E' profundamente caracterisado aquelle *Tipo de Valenciano*.

A aquatinta — *Um frade* — é inegavelmente preciosa e essa tonalidade que nitidamente dá o burel do habito, é inexcédível de precisão.

Seria o nosso melhor desejo dizer de cada quadro detalhadamente a impressão recebida, mas o tempo urge e pinturas varias aliciam confusamente a nossa atenção. Columbano apresenta algumas, raras mas valiosas aguarelas.

A estilisação fisionomica desse estudo — *Cabeça de mulher* — é excelente.

Ribeiro Christino expõe curiosos apontamentos, como são — Um lado da praça *Rodrigues Lobo em Leiria*, *Runas da Capela da Rocha no Castelo de Leiria*, *Casa antiga na Labrugeira*. Alfredo Roque Gameiro é, incontestavelmente, um Mestre, na aguarela. O ideal que a aquatinta visa sempre, Gameiro atinge-o. Gracioso, espontaneo, fulgurante, o seu pincel de marta é um lindo brinquito de Arte. Quando começamos de olhar os seus quadros — desabrocha nos na alma um sorriso de encanto e desejo feliz de viver. E' que não ha ali uma attitude contrafeita, uma contorsão dolorosa, uma entristecedôra mancha de paisagem. Lindo e límpido — tal é a expressão da aguarela de Gameiro.

Os seus postaes exprimem-se com precisão.

Já nos quadros de Helena Roque Gameiro imerge fluido vago de nostalgia. Lembra-nos que vimos desta jovem e talentosa pintôra certas tonalidades que nos emocionaram deliciosamente. Eleva-se dos seus estudos uma esperança que mais e mais se confirma.

Alves de Sá é o mago de paisagens perturbadôras — sensibilidade de requinte que a tristeza das coisas prostra religiosamente. A Alberto Sousa apraz a visão realista dos costumes e paisagens — e assim poderá tornar-se o melhor comentadôr artistico da vida nacional.

Já não podemos referir-nos a obras de expositôres distintos, João Marques, Raquel Ottolini, Ferreira Quaresma, Carlos Bouvalet, etc., cujos os talentos são brilhantemente confirmados.



CABEÇA DE MULHER (ESTUDO)
Columbano Bordalo Pinheiro



Pateo na rua Castello Picão (Alfama)
Alfredo Roque Gameiro



Rio da Fonte (Agualva) — *A. Quaresma Junior*



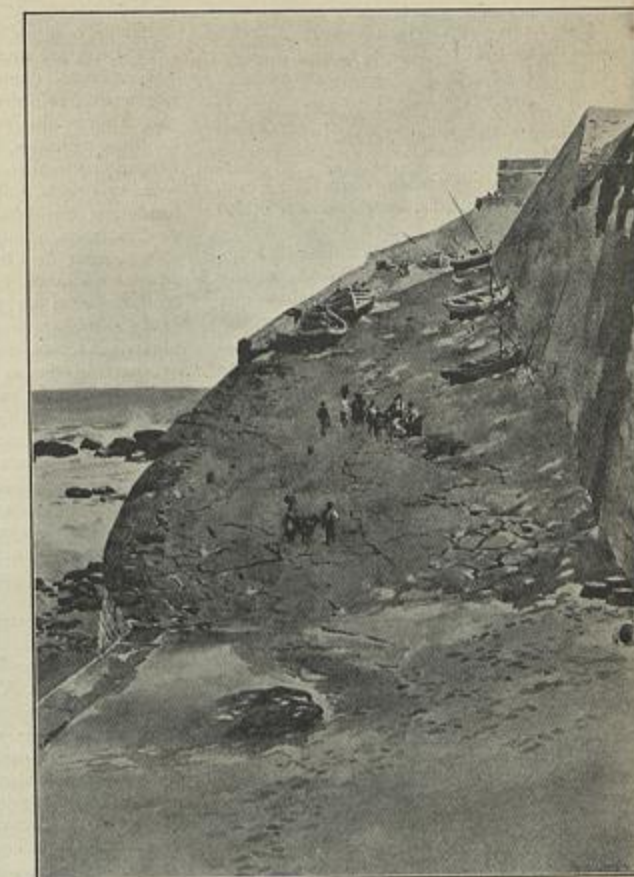
Entre pontes (Queluz) — *A. Quaresma Junior*



Casal velho (Campolide) — *João Marques*



Ruínas do Castello de Leiria — *Ribeiro Christino*



A rampa historica (Ericeira)
Alfredo Roque Gameiro



A horta do Casal do Choupo (Amadora) — *D. Helena Roque Gameiro*



Fonte do Senhor — *João Alves de Sá*



Moinhos nos arredores de Lamego — *Alberto Sousa*